

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS EM LITERATURAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER AFRO-
DESCENDENTE, TIA NASTÁCIA, EM O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO
DE MONTEIRO LOBATO**

PATRÍCIA VITÓRIA MENDES DOS SANTOS

ILHÉUS-2007

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER AFRO-DESCENDENTE, TIA NASTÁCIA, EM O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO DE MONTEIRO LOBATO

Patrícia Vitória Mendes dos Santos (UESC)

RESUMO: Este trabalho analisa a representação do feminino em *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, a partir da personagem Tia Nastácia, figura que representa a identidade da mulher negra no processo de construção da sociedade brasileira, no pós-abolição (primeiras décadas do século XX). Para tanto, investigo a relação de subalternidade e, ao mesmo tempo, sobrevivência, destacando seus valores e afrodescendência, como figura sem voz, sem conhecimento válido, animalizada, “feia”, vista até como “castigo divino”, apesar de ser “preta de alma boa”. Assim, considera-se Tia Nastácia representação da invisibilidade da mulher negra na literatura infanto-juvenil brasileira.

Palavras-chave: Nastácia; mulher; negra

Introdução

Ao pararmos para observar as produções literárias destinadas às crianças, na segunda década do século XX, podemos ver a participação do negro nessas narrativas: personagem em constante posição de servidão ao modelo escravocrata. Apresenta-se como coadjuvante nas estórias escritas para crianças e ausente nas cenas sociais, sendo visto como herdeiro de uma ordem social relacionada à ignorância e ao conservadorismo. Seu corpo, seus hábitos e suas particularidades seriam presença enfadonha para a ordem escravocrata, com o intento de uma nação “civilizada”.

Entretanto, é a partir da década de 1930 que personagens negros surgem como contadores de histórias, nas obras literárias produzidas destinadas às crianças, comprovando uma consistência diante de aspectos relacionados à cultura negra, como a questão da tradição oral representada através da contação de histórias, de procedência africana.

Nessas histórias o valor do caráter afetivo era povoado de simplicidade. Os contadores de histórias eram pretas velhas, carregadas de uma singeleza e particularidades de origem ímpar.

Era através do resgate da literatura infantil que os negros eram representados nas narrativas como os contadores das histórias ricas de folclore nacional, de raiz nacional.

Para que se possa ter uma melhor compreensão desses fatos, falar-se-á primeiramente de Lobato. Inicialmente, podemos citar que o interesse de Lobato pela literatura infantil surgiu na primeira década do século XX, apesar de sua obra *A menina do narizinho arrebitado*, ter sido publicada uma década depois.

(...) Na versão original de *A menina do narizinho arrebitado*, tia Nastácia é mencionada ao lado da menina. ‘Além de Lúcia, existe na casa a tia Nastácia, uma excelente negra de estimação, e mais a Excelentíssima Senhora Dona Emília, uma boneca de pano. (PONDÉ, in ZILBERMAN, 1983, p. 109)

Pode-se observar o destaque feito à Emília, com uma noção de “excelência”, deixando significar a tia Nastácia o aposto “negra de estimação”.

Lobato e a Literatura Infantil

Lobato foi uma grande figura que transformou a literatura infantil entre nós. Apesar de estar do outro lado do Modernismo, tinha dentro de si o senso de modernidade e foi este que explodiu literalmente na década de 30, quando deliberou a fazer literatura infantil.

É exatamente porque a literatura infantil como formação histórica – é moderna, que o fato de Lobato ter-se distinguido nela é significativo do ponto de vista de sua modernidade. Formação tardia da sociedade burguesa européia, a literatura infantil brasileira surgindo na segunda década deste século sugere a maturidade da formação burguesa de certos segmentos de nossa população, que já se estratificava em diferentes públicos, consumidores da produção cultural para eles orientada. E o sucesso de Lobato na criação de nossa literatura infantil atesta sintonia com o mundo moderno de seu tempo. (PONDÉ, in ZILBERMAN, 1983, p.47)

A atuação de Lobato para a cultura nacional vai além de mera inclusão entre escritores regionalistas. Foi um intelectual ativo, que lutou pelo processo social e cultural do povo brasileiro.

Seu discurso crítico e contestatório, em nível de narrativas, contrapõe polemicamente situações de ordem político-sociais opostas, com discurso onde o leitor não pode colocar-se em passividade.

Lobato não era, entretanto, um jovem influenciável, mas um homem com muitas experiências e desilusões, muito firme na sua filosofia de vida, alicerçada mais na prática do que na ideologia dos livros.

Tinha uma personalidade própria, marcada por convicções. Seu espírito polêmico e individualizador é manifestado não apenas no questionamento da realidade política e social que o rodeava, mas pela constante reformulação dos seus próprios pontos de vista.

Lobato permanece na literatura infantil, pois criou uma obra que guarda relações com o passado, com a época em que viveu e com a contemporaneidade, resgatando o real de maneira crítica e criativa, através de um projeto estético e ideológico, utilizando uma linguagem artística coloquial que atinja o leitor através de uma comunicação fácil.

A identidade de tia Nastácia

É Lobato que inicia a literatura infanto-juvenil no Brasil como um produto de origem nacional. Esse autor escreve tendenciosamente para adultos, demonstrando inquietações diante de problemas de ordem nacional, moral ou social.

A literatura infantil, à medida que emerge do regionalismo do começo do século, com Lobato, explora o folclore, a tradição

oral, as raízes regionais, a linguagem coloquial, a fantasia, o mítico, o mágico (...) (PONDÉ, in ZILBERMAN, 1983, p.114)

É na utilização de várias formas de oralidade que se traz o real, que se é resgatada a tradição, podendo associá-la à vanguarda.

Podemos destacar a figura feminina da negra tia Nastácia, como exemplo desse resgate da oralidade, bastante ironizada por Lobato em *Histórias de Tia Nastácia*. Nesse trecho, Pedrinho diz: “Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para o outro ela deve saber”.

Quando Emília ouvia as histórias contadas por tia Nastácia, reagia de modo direto a indicar incoerências nos relatos orais. Afirmava:

Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. (1967, p.31)

Mas, tia Nastácia perde o seu lugar de contadora de histórias, para D. Benta, que “sabe contar histórias de verdade”, auxiliada pelos livros, frente a reação das crianças, no momento em que relatava as histórias.

Para D. Benta, o povo são as tias velhas como Nastácia, que não têm detrimento de cultura alguma, analfabetas, e o conhecimento de que dispõem é a tradição oral passada por outras de sua raça e dotados de mesma ignorância.

Pode-se perceber aqui uma visão racista, em relação ao negro, atribuindo-lhe um sentimento de cultura inferior em relação à cultura o branco.

Lobato faz referências em muitos textos, reportando-se ao beijo de tia Nastácia, de forma a animalizá-la. Como se pode perceber na fala de Emília, em *Reinações de Narizinho*: “(...) eu cortava um pedaço desse beijo”. (1967, p.36)

Em outro diálogo, nessa mesma obra, Pedrinho ouve Emília: “(...) melado com rapadura é coisa de lamber os beijos, disse Pedrinho – Beijo é de boi, protestou Emília. Gente tem lábios”. (1967, p.36)

Nesses fragmentos, existe uma pormenorização estética direcionada ao negro, a ponto de achá-lo desprovido de conhecimento. Animalizando os personagens negros, os escritores acabavam por reproduzir um estereótipo de “incapacidade cognitiva”. Destituíam a identidade dos negros do ponto de vista étnico e cultural, reduzindo a diferenças no campo físico e racial. Isso, dava-se ao convívio, por meio de embranquecimento, com personagens negros, num grau de despojar a sua identidade racial.

Lobato mostra que o que se herdou de africanidade foi um fardo, acabando assim por vir a desqualificar seus personagens. A literatura feita para crianças se mostrava como representante social com vias a relações interraciais no Brasil – um visão de cunho racista, fugindo ao ideal almejado pelos escritores de obras infantis. Isso demonstra como o período a findar a escravidão não representou o rompimento com uma referência de dependência e servilidade, mas, paralelo a isso, a construção de um país chamado Brasil, moderno, com a introdução da figura do negro como parte integrante da cultura nacional – figura de tradição e valores que estavam em conformidade com a identidade do Brasil.

Observe-se o trecho a seguir de Narizinho referindo-se à tia Nastácia, em *Reinações de Narizinho*:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. – Que não seja boba e venha – disse Narizinho – eu dou uma explicação ao respeitável público (...) – Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Nastácia. Não reparem por ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi um fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura. (1967, p.206)

Lobato mostra uma herança racial de cunho africano como um fardo, um peso, utilizando de desqualificação para com a personagem tia Nastácia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lobato permanece na literatura infantil, pois, criou uma obra que guarda relações com o passado, com a época em que viveu e com a contemporaneidade. Porém, é imprescindível direcionar os olhares das ternas relações que o escritor determina entre a literatura e sua visão social historicista em relação a estar diante do valor do negro em nossa sociedade.

Tia Nastácia é a principal personagem negra de Monteiro Lobato. É analfabeta e chamada de “negra de estimação”, apesar de ser tratada “como parte da família”. Mas, é na cozinha, sempre ao lado do fogão, que a sua inferioridade e sua parte à parte do convívio social é reforçada.

Pode-se ver em História de Tia Nastácia, ano de 1937, a evidência do racismo do autor e o total desprezo pela cultura do negro, da origem de tia Nastácia.

Para todos os moradores do Sítio todas as histórias contadas por ela são de completo mau-gosto.

As histórias de Lobato, apesar de serem bonitas, aprimoraram e intensificaram, em gerações subseqüentes, a figura do negro como um ser afirmativamente absurdo, não necessitando ser levada a sério no real mundo dos adultos.

Lobato não poderia ter falado de forma diversa? Não, se forem considerados os valores da época. Entretanto, não se passa uma imagem pejorativa de tia Nastácia, senão aquela que realmente era vivida e sentida na sociedade de então. (www.wikipedia.org.br)

Tia Nastácia era pureza e bondade, a isso, em relação ao Sítio, era dispensado o verdadeiro “toque” brasileiro – o “quê” de nacionalidade brasileira, ao lado de D. Benta com uma instrução cultural da Europa. D. Benta falava de Standem, mostrando e falando aos netos dos mitos gregos. Mas, foi com tia Nastácia que muitas das histórias do nosso folclore foram contadas, com plenitude, às crianças do Sítio do Picapau Amarelo.

Se por um lado é possível uma leitura racista por parte de Monteiro Lobato, por outro a figura de tia Nastácia serve como retrato de um momento histórico no Brasil, onde a convivência racial era – e muitas vezes continua sendo -

possibilitada pela subordinação hierárquica: a serviçal doméstica, que acaba “tornando-se da família”.
(www.wikipedia.org.br)

A referência racial feita à tia Nastácia é compensada por sua boa índole; acaba por fazer parte da família, apesar de ser preta. Lobato de um lado almejava a busca pelas raízes nacionais, mas por outro, via nessa busca a origem da aculturação. Isso impedia o crescimento do país para a modernidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

ZILBERMAN, Regina (org). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

www.wikipedia.org.br